



A RESISTÊNCIA NEGRA NA INTERNET: militância e ressignificação da imagem do sujeito-negro

Carolina Fernandes¹

*No final, não nos lembraremos das palavras dos nossos inimigos,
mas do silêncio dos nossos amigos.
Martin Luther King*

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esse trabalho apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa *Análise de Discursos de Resistência*, desenvolvido sob a perspectiva da Análise do Discurso de vertente materialista, cujo objetivo é compreender de que modo os discursos de resistência de nossa atual conjuntura social rompem com o ritual ideológico dominante, ou seja, o que acontece em termos discursivos para que o sujeito possa se “revoltar” no dizer de Pêcheux (2009) e escapar da identificação ideológica plena, instaurando outras formas de determinação dos discursos e das subjetividades.

Neste texto, investigo os modos de produção de sentidos e de circulação do discurso de resistência à discriminação racial, tomando por objeto de análise recortes discursivos das páginas do *Facebook Negros Unidos* e *Afroestima* e do canal do *Youtube Papo De Pretas* e do blog *Blogueiras Negras*.

Ao considerar a resistência como constitutiva do processo discursivo e do processo polissêmico de significação (FERNANDES, 2017), percebemos que há, nestes espaços virtuais, um combate às formações imaginárias racistas através da ressignificação do corpo do sujeito-negro e de suas potencialidades. Entendo que essa ressignificação funciona discursivamente como uma prática de resistência dentro da internet de modo a configurar uma militância do sujeito-negro pela aceitação e valorização de sua raça, primeiro, pelo próprio sujeito-negro, e, em consequência, pela formação social como um todo.

¹ Doutora em Letras pela UFRGS. Professora do curso de Licenciatura em Letras e do curso de Mestrado Profissional em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Pêcheutianos e membro-pesquisador dos grupos Linguagem e Currículo (Unipampa) e Oficinas de AD (UFRGS).

2 A FORMAÇÃO DISCURSIVA NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Como suporte teórico a este estudo, parto de Pêcheux (2009) que considera a subjetividade aliada à significação, já que “ao significar, o sujeito do discurso se significa”, assim “sujeito e sentido se constituem mutuamente” no processo discursivo. Ao formular seu enunciado, o sujeito se inscreve no seu dizer, construindo uma imagem para si e para seu interlocutor. Assim, a subjetividade é constituída a partir de formações imaginárias que se estabelecem nas interlocuções sobre o corpo (ERNEST, 2007), já que, segundo Ernest (2007, p.135), “o sujeito constrói uma imagem de si assim como constrói uma imagem do outro”, e constrói essa imagem de si, a partir da projeção imaginária de um Outro, uma imagem social, de como o sujeito-negro é visto/representado na sociedade. Circulam socialmente, de modo parafrástico, certos sentidos para negro: negro não tem boa aparência porque tem o cabelo crespo, pele escura, parece pobre, as mulheres negras não se encaixam no padrão de beleza (loiras de olhos claros); o negro é inferior ao branco, não é qualificado para estudar e assumir cargos de chefia. Esses sentidos são materializados historicamente de diferentes formas, em textos distintos, às vezes, de modo velado, mas continuam ressoando em nossa sociedade produzindo discriminação racial e mesmo a propagação de discursos de ódio.

No entanto, como alerta o próprio Pêcheux (1990) os sentidos se movimentam na história, e podem sempre vir a ser outros, então é neste processo entre paráfrase e polissemia que os discursos vão criando outras formas de subjetivação. A formação discursiva² da Negritude trouxe outra possibilidade de construir a identidade negra, do sujeito-afrodescendente ver-se como negro, construir outros sentidos para sua subjetividade, representando-se pela imagem projetada pela sua posição-sujeito e não como objeto de uma projeção.

Negritude é um termo francês que passou por uma ressignificação (DOMINGUES, 2007). Foi utilizado pela primeira vez com sentido positivo, em 1939, pelo poeta antilhano Aimé Césaire quando a palavra *négre* era usada para ofender a população negra. A partir deste uso, negritude passou a produzir um efeito de orgulho,

² Formação Discursiva é definida por Pêcheux (2009, p.160) como: “aquilo que pode e deve ser dito em dada conjuntura social”, a FD da negritude trata-se do modo como o negro se diz e se representa, a si e ao outro.

designando o movimento identitário afrodescendente. Assim, dentro da FD da negritude, negro é visto como a designação politicamente adequada para se referir aos afrodescendentes no Brasil como explica Weschenfelder (2015).

É objetivo deste trabalho, portanto, compreender de que modo o negro interpelado pela FD da negritude mobiliza o espaço virtual para fazer circular seu discurso de resistência a fim de ressignificar a subjetividade do negro e produzir uma nova formação imaginária para esse sujeito transformando, primeiro, o modo como ele mesmo se vê, para promover a aceitação de si, de seu corpo, e assim, empoderar-se.

Expressões como “cultura racista” ou “racismo estrutural” são recorrentes no discurso antirracista, já para Pêcheux (1990) discurso é estrutura, mas também acontecimento. Os processos discursivos de significação dos sujeitos e dos sentidos se movimentam na história e, conforme as condições de produção, podem produzir rupturas por meio de discursos que contestam a estabilidade dos sentidos e inauguram, assim, outras posições-sujeito ou mesmo outras formações discursivas (FDs), a essa ruptura na ordem do discurso, chamamos de *acontecimento discursivo*. Segundo Gallo (2011), a internet desestabiliza os sentidos de modo particular, por ser um espaço onde a heterogeneidade produz novas textualidades, novos efeitos de sentido e novas discursividades. Desse modo, para a autora (ibidem, p. 255) a *internet* é “uma instância propulsora de ‘acontecimentos enunciativos/discursivos’”, tendo em vista as proporções que o alcance de seus textos atinge.

Entendo que a prática de resistência negra na rede, ao movimentar as redes de filiação históricas que produzem sentidos para o negro em nossa sociedade, questiona os efeitos de evidência e de verdade, promovendo um *acontecimento discursivo* que gera uma FD oposta à dominante, a FD da negritude que valoriza a raça. E essa resistência passa pelo corpo, pelo modo de discursivização do corpo negro. Para Radde (2013):

corpo e linguagem são percebidos como lugares de resistência do sujeito contemporâneo, onde efeitos de sentidos se constroem e se dissimulam, permitindo ver as direções opostas que se entrecruzam e marcam a contradição constitutiva desse sujeito.

Nesse trabalho, portanto, analiso o discurso sobre o *corpo* formulado entre sujeito e língua, o que significa considerar o corpo como materialidade discursiva que “encontra na *língua* a sua forma de simbolizar e, assim, falar do *sujeito*” (FERREIRA, 2011, p. 99). E se, ao simbolizar o corpo pela linguagem, o sujeito se identifica com uma subjetividade e cria, para si, uma identidade, uma identidade de raça no caso analisado.

3 CORPO COMO IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

O corpo como objeto discursivo não pode ser visto na sua transparência, como se fosse um objeto empírico ou evidente. O corpo como matéria de discurso deve ser considerado em sua opacidade, com suas contradições e equívocos como alerta Ferreira (2011). Não é o que os olhos veem diretamente, mas o que interpretamos a partir do olhar. Admitimos que o corpo tem sua dimensão biológica, entretanto não podemos significá-lo senão pelo simbólico, por sua inscrição na palavra e no inconsciente.

Percebemos que, para confrontar a FD racista propulsora da imagem negativa do negro, é preciso saturar pela repetição os efeitos positivos a partir de imaginários que valorizem o sujeito-negro, que não apaga a evidência da cor da pele, das origens africanas, pelo contrário, visa a valorizar essa origem, produzindo o discurso de que a diferença é o que confere poder à negritude. Se o negro se destaca por sua cor da pele, seu cabelo crespo e volumoso, suas formas avantajadas (no caso das mulheres mais curvilíneas), isso não é tomado como um defeito na FD da negritude, mas um destaque positivo, uma beleza exótica não no sentido de estranha, mas como fora do padrão, uma beleza exótica de que o sujeito deve se valer para se fazer notar outras virtudes (como a atriz que vê seu rosto como um entrave para conseguir alguns papéis no Tour pelo meu rosto³). Vamos à análise de algumas sequências discursivas (SDs):

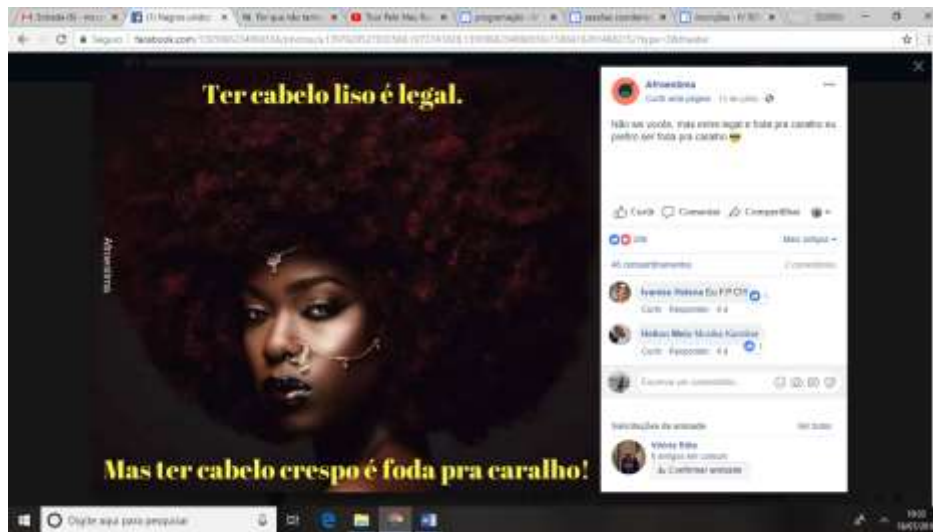
SD 01:

*Muita gente pode achar que quando cito “cabelos” estou falando de algo fútil e sem importância, mas não estou: **estou falando de “ser”, resistência, história e identidade.** Acredito que nunca usei meus cachos antes da ruptura que em breve vou contar pra vocês, só usava os cabelos lisos e o*

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jR-On6KzeE4>

mesmo processo se arrastou para todas as mulheres negras de minha família [Do blog Blogueiras negras]⁴.

SD 02:



SD 03:



Enquanto analista de discurso me cabe reconhecer que os sentidos e os sujeitos são divididos pela contradição constitutiva que marca em um discurso a presença de outro(s); as continuidades e deslocamentos nas memórias das filiações históricas dos sentidos. No caso das SDs 02 e 03, temos a negação do enunciado “cabelo

⁴ Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/16/caminhos-de-resistencia-reconhecer-se-negra/>

ruim” ou da valorização do cabelo liso como o mais bonito, colocando em uma escala superior o cabelo crespo. A SD 01 explica os motivos de discursivizar o cabelo: cabelo crespo é a existência do negro, o que lhe confere identidade, resgata sua história e produz sua resistência. O cabelo afro não é portanto, apenas uma questão de estética, mas também é marca de luta.

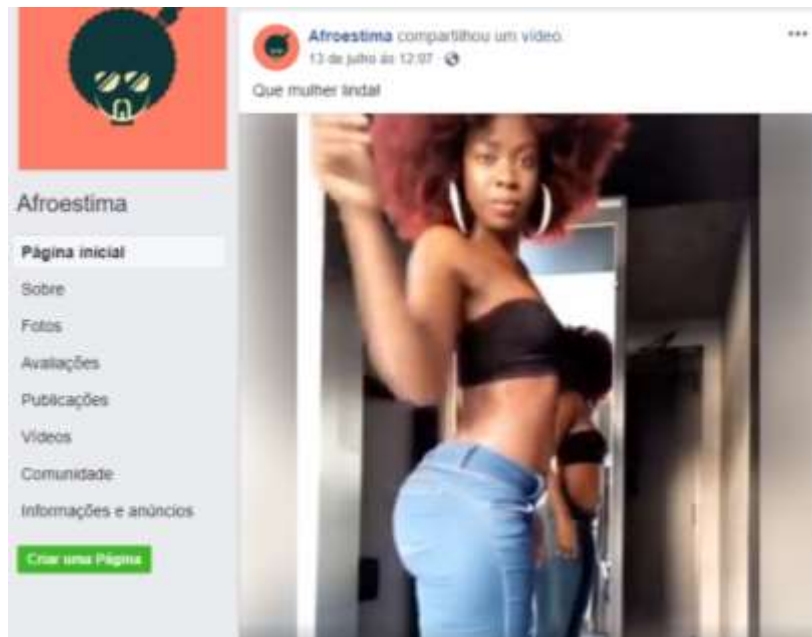
Quanto à pele negra, nas SDs 04 e 05, vemos duas postagens que exaltam a beleza da cor da pele. Na descrição da postagem de SD 04, diz-se: “E você já amou seu tom de pele hoje?”. A modelo traz uma camiseta com tons de pele indo do mais claro ao mais escuro. Essa representação de diferentes tons de pele faz-nos recuperar na memória do dizer e das redes de formulações visuais o lápis “cor de pele”, que traz uma cor rosada para pintar a pele de pessoas. A desconstrução desse conceito de que há uma cor específica da pele alerta para o fato de que a pele humana pode adquirir variadas tonalidades, sendo aquela considerada padrão a menos comum.

SD 04:



A próxima postagem (SD 05) é um vídeo de uma moça dançando uma música latina de modo bastante sensual, mas os comentários são sobre sua beleza e sua pele, e não sobre os momentos que ela faz com os quadris.

SD 05:



Comentário do post: Genteeee, e essa pele linda de bonita toda trabalhada no brilho?

Comentar sobre as habilidades da dançarina pode fazer emergir o imaginário estereotipado da “mulata com gingado” que se quer evitar.

SD 06:



“Estrias lembram linhas de luz solar na água da piscina, toda mulher tem um pouco de luz, basta vocês mergulhar”.

Além do brilho da pele negra que é exaltado no lugar da sua tonalidade escura, temos nesta SD 06 a textura da pele também sendo ressignificada. As estrias que aparecem com mais destaque na pele negra não são vistas aqui como um defeito,

mas um atributo de beleza. Há um deslizamento de sentidos da palavra “estria” cujo valor negativo já instaurado (o de rompimento de tecidos, algo que a mulheres procuram evitar) é desviado para algo muito positivo, como a luz solar dando reflexo na água, fazendo a mulher irradiar o sol.

A repetição desses elogios à beleza do negro, e sobretudo da mulher negra, serve para que o discurso ganhe força, mas o próprio discurso da negritude mostra o tensionamento que há entre o discurso racista e o discurso da negritude. A diferença é vista, portanto, não como um empecilho, mas como “uma potência, uma virtude” do negro (WESCHENFELDER, 2015, p.15). Entretanto, como o discurso racista circula com mais frequência na nossa sociedade, é preciso usar um discurso imperativo além do afirmativo. No vídeo em que a atriz revela os traços afrodescendentes de seu rosto (SD 07), ela fala de como o nariz lhe causou dor devido ao racismo que sofrera muito comum em atos de bullying na escola.

SD 07:

[...] Rosto redondo, cara de lua cheia, olhos escuros (as atrizes têm olhos claros), traços largos, negroides, nossos traços são alvos de rejeição social, lábios de mais de uma cor, lábios carnudos, finalmente chegamos ao grande trauma da vida que é o nariz, na infância me trouxe tanta dor, é um processo, porque os fantasmas do passado voltam, precisamos nos tornar outra pessoa para ter sucesso na vida. [...] Não se adapte àquilo que não se adapta a você. Ame-se⁵.

E “os fantasmas do passado voltam”, ou seja, o discurso preconceituoso está sempre circulando, ressurgindo dos espectros da memória do dizer. É preciso, então, reforçar o positivo, enfrentar o preconceito resignificando sua subjetividade: “tornar-se outra pessoa”. E para isso, o enunciado ganha um tom imperativo: “Não se adapte”, “Ame-se”.

Esse efeito imperativo é visto em outros comentários nas páginas que já analisamos: não faça isso, faça isso, seja, ame-se, acredite.

⁵ Tour pelo meu rosto também em: <https://www.youtube.com/watch?v=jR-On6KzeE4>

SD 08:



A imagem acima é trazida junto aos comentários: “Lembrem-se uma mentira dita mil vezes torna-se verdade! Então acreditem em vocês” e “Nunca deixem que a mentira na boca de alguns se tornem verdade!”. O que é designado por mentira é o discurso racista, que nega ao negro seu direito de acreditar em si, no seu potencial, colocando-o em posição inferior ao sujeito-branco. Os enunciados de efeito imperativo e motivacional buscam a persuasão do sujeito-negro para não aceitar essa posição de inferioridade, fazendo-o ocupar uma posição-sujeito de resistência.

4 MILITÂNCIA NEGRA NA REDE

Militância na AD é uma tomada de posição política frente a um tensionamento discursivo. A luta pelos sentidos, a luta de classes no terreno da linguagem, constitui-se, assim, como um espaço de luta teórica e política. O deslizamento do dizer implica a “possibilidade para a prática da resistência (coletiva, de massas), já que não deixa de conter um convite à ação política” (CESTARI; NOGUEIRA, 2013).

Podemos compreender o funcionamento desse discurso que resiste nas redes como uma militância no sentido de ativismo? A militância cibernética é diferente daquela da panfletária, do bandeirismo, mesmo que não o anule, já que produz sentidos de outro modo. Faz circular o sentido de forma singular por meio de imagens, sons e

palavras que chegam de modo aparentemente inocente à nossa tela através de nossos “amigos” virtuais ou por nosso próprio interesse de buscar essas páginas, praticar as ações de “curtir” e “recomendar”, que são os recursos disponíveis na rede social.

Entendo militância na AD como um gesto simbólico, uma ação do sujeito no espaço discursivo da disputa por sentidos, assim, a militância é considerada como tomada de posição na luta discursiva e ideológica de classes (Cestari; Nogueira, 2013). De acordo com Indursky (2017), “a resistência, como ato político, nasce exatamente desta divisão entre os espaços de interpretação” (2017, p. 86). A militância discursiva é, portanto, a luta por sentidos, que promove conflitos e “acontecimentos através dos quais o gesto de um militante encontra outros e torna-se um *grito coletivo que intervém no campo do político*” nas palavras de Zoppi-Fontana (2009, p.143). Na SD 09, vemos esse “grito coletivo” sendo entoado pela produção do efeito de união.

SD 09:



A SD 09, retirada da página do Facebook “Negros Unidos”, mostra a imagem do punho cerrado no braço de pele negra erguido com o dizer “Nós podemos” e, ao lado, lemos a descrição: “Vamos juntos contra os tempos sombrios que se aproximam”. Esse enunciado provoca os efeitos de motivação e união entre os comentadores, um deles escreve: “vamos em frente e enfrentei!” (no sentido de avançar e de enfrentar).

Os “tempos sombrios a enfrentar” se referem ao racismo disseminado na sociedade sobretudo nas instituições de ensino que adotaram as cotas raciais como vemos na SD 10.

SD 10:



Na postagem da SD 10, lemos: “Tem negropeu que apoia o boçal que não entendeu até agora o que está acontecendo”. E traz uma reportagem sobre mensagens racistas pichadas numa universidade pública. Isso serve como um alerta aos próprios negros apoiadores do então candidato à presidência Jair Bolsonaro que teceu comentários preconceituosos em discurso sobre os “quilombolas”⁶.

Pelo fato de não estarem diretamente ligadas a instituições formais de poder, Indursky (2017) afirma que as redes sociais podem permitir o furo na interpelação ideológica, a resistência aos sentidos estabilizados que nos cegam. Assim, podemos encontrar condições favoráveis para fazer circular outros sentidos, abrindo-se, segundo a autora (ibidem, p. 81), para a possibilidade de se relacionar com a ideologia dominante de outros modos ou até mesmo romper com ela. Desse modo, para Daltoé (2018), a militância na internet produz o “efeito de início de um novo

⁶ <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>

funcionamento no modo de o sujeito se relacionar com os movimentos de luta social por meio das redes”. Os modos de luta por significação, ou melhor, pela ressignificação do sujeito-negro, na internet, repercute nas ruas, nos modos como os corpos negros se mostram, e que, ao se mostrarem, estão dizendo eu sou assim, eu me aceito assim.

Como forma de exemplificar essa aceitação de si pelo sujeito-negro, trago uma última SD.

SD 11:

Foi por meio do feminismo que me reconheci pela primeira vez como negra, que não me bastou mais chamarem-me de “morena”, “mulata, ou café-com-leite; foi aí que eu aprendi a gritar, viver e resistir: SOU PRETA! [...] Quero as mulheres pretas na luta, olhando seu reflexo e dizendo: SOU PRETA! Não houve nada mais libertador na minha vida do que sentir-me e reconhecer-me: nem morena, nem mulata: SOU NEGRA! Apesar de toda luta e espinhos por esses anos de resistência, que a gente tenha ainda umas as outras para nos fortalecer, seja no sague à poesia”⁷.

Assumir as suas raízes afrodescendentes é o primeiro passo para a construção de uma identidade afro-brasileira. Por décadas, mulheres negras alisaram os cabelos usando técnicas agressivas, buscando encobrir uma das características físicas da raça. No entanto, esse movimento tem se revertido em aceitação, são vários os produtos para embelezar os cabelos crespos, e as meninas estão sendo incentivadas a se amarem como são. E para haver um acontecimento discursivo, é preciso que essa mudança ganhe força, repercuta não apenas como uma “modinha”, mas que ressoe na massa. Por isso a união é importante para a militância, pois quando vierem os discursos opostos, tentando arruinar o efeito positivo, os negros se unem para fazer soar mais alto seu discurso. Não ficar em silêncio é sua ação nesta guerra simbólica pelo domínio dos sentidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir trago Pêcheux (2009, p. 209-210) para quem a linguagem se “caracteriza discursivamente por tomadas de posição *a favor de* certas palavras, formulações, expressões, etc., *contra* outras palavras, formulações ou expressões, exatamente como uma luta pela produção dos conhecimentos”. É o que busca o

⁷ Texto escrito por Luma de Lima Oliveira, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/16/caminhos-deresistencia-reconhecer-se-negra/>. Acesso em: 12 de out. de 2018.

movimento negro na internet, construir um conhecimento ou uma nova imagem sobre o negro que ele possa se ver e se colocar como sujeito, e não como objeto do outro.

Produzindo um novo imaginário pode se produzir novos discursos que rompem com o estabilizado e podem romper com o preconceito dissimulado, muitas vezes, em nossa sociedade nas práticas ideológicas cotidianas, como o “perguntar sobre a dona da casa à pessoa negra que atender a porta” ou “segurar firme a bolsa ao passar por um rapaz negro na rua” etc. Por fim, a internet, segundo Indursky (2017, p. 82), “facultou a instauração de uma cena discursiva no espaço eletrônico na qual estes sujeitos do dissenso podem inscrever-se e subjetivar-se, exercendo resistência a partir desse lugar discursivo”. Nesta cena discursiva, cabe ao sujeito-negro, então, resistir e insistir para, assim, existir.

REFERÊNCIAS

CESTARI, Mariana Jafet; NOGUEIRA, Luciana. Análise de discurso e militância política. In: **Anais** do VI Seminário de estudos em Análise do Discurso 1983 – 2013: Michel Pêcheux 30 anos de uma presença. Disponível em <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/6SEAD/PAINEIS/AnaliseDeDiscursoEMilitancia.pdf>. Acessado em 04 de junho de 2018.

DALTOÉ, Andréia, da S. Das ruas às redes sociais: escola sem partido e o coletivo pró-educação. In: SOUZA, Lucília Maria A. e; CAMPUS, Thiago M. de (Orgs.). **Mídias e movimentos sociais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Tempo, n. 23, p. 100-122, 2007.

ERNEST, Aracy. Corpo, discurso e subjetividade. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria C. L. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 135-144.

FERNANDES, Carolina. Resistir à resistência é preciso: uma análise discursiva do processo de deslizamento de sentidos de “opressão” e de “luta”. In: **Anais** do VI I Seminário de Análise do Discurso. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/8SEAD/SIMPOSIOS/SIMPOSIO%20XI_CFernandes.pdf Acessado em 10 de outubro de 2018.

FERREIRA, Maria C.L. O discurso do corpo. In: SANSEVERINO & MITTMANN (orgs.) **Trilhas de investigação**: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, 2011, p. 89-102.

INDURSKY, Freda. O movimento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. In: FLORES, G. G. B.; GALLO, S. M. L. (orgs). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2009.

RADDE, Augusto. Corpo e resistência(s) na constituição do sujeito: o discurso do corpo na Marcha das Vadias. In: **Anais** do VI Seminário Nacional sobre linguagens e Ensino. Disponível em http://www.ucpel.tche.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/104.pdf. Acessado em 10 de jun. de 2018.

ZOPPI-FONTANA, Monica Graciela. O acontecimento do discurso na contingência da História. In: Indursky, F., LEANDRO FERREIRA, M. C., MITTMANN, S. (orgs.) **O Discurso na Contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 133-144.